

## **2º Seminário Estadual de Formação de Apoiadores/as Pedagógicos do MOVA-RS**

### **Como Sistematizar? - Uma proposta em 5 tempos**

Oscar Jara H.<sup>1</sup> – Texto 3

Sabemos que a indagação "como sistematizar?" é, na realidade, a pergunta que mais interessa e inquieta a educadores e animadores em toda a América Latina. Porém, consideramos que não tinha sentido começar a enfrentá-la sem antes passar por toda a reflexão dos capítulos anteriores. Sabemos muito bem que muitas pessoas só estão buscando uma espécie de "receita" que lhes indique, de uma vez por todas, "a" maneira de por em prática um processo de sistematização, os passos já pré-definidos que se tem que seguir sem tanta complicação...; mas não há, lamentavelmente, uma maneira de sistematizar, nem há uma sequência exata de passos e procedimentos que, uma vez desenvolvidos, dêem por resultado magicamente uma sistematização..., e nem a sistematização, como nós a pensamos e propomos, é tarefa fácil e sem complicação.<sup>2</sup>

Nesse ponto, queríamos nos atrever a compartilhar uma proposta metodológica surgida de nossa própria experiência e enriquecida com sugestões práticas e teóricas de várias/os amigas e amigos em todo o continente. Quero assinalar, explicitamente, que esse trabalho não busca ser um "receituário", mas sim um instrumento utilizável, com algumas pautas indicativas. Se posto em prática

---

<sup>1</sup> Peruano-Costarricense, educador popular y sociólogo, Director del CEP- Centro de Estudios y Publicaciones Alforja en San José, Costa Rica y Coordinador del Programa Latino Americano de Sistematización del CEAAL – Consejo de Educación de Adultos de América Latina. Texto preparado para el 2º Seminario de Formación de Apoiadores Pedagógicos, MOVA-RS, Porto Alegre, 23-23 de setiembre, 2001. Basado en el libro: "Para Sistematizar Experiencias", Equip-UFPB, Joao Pessoa, 1996.

<sup>2</sup> Isto não quer dizer que não esteja ao alcance de muitos. Pensamos que qualquer educador ou educadora popular, dirigente intermediário ou de base, animador ou animadora institucional, pode sistematizar suas experiências. O fato de que não ser simples, não quer dizer que seja propriedade de especialistas, ou que seja tão complicada que se tenha que dedicar-lhe toda uma vida (ou boa parte dela). Como disse Roberto Antillón: "*Não temos que viver para sistematizar e sim sistematizar para viver*".

possibilitará, sem dúvida, seu questionamento, modificação, enriquecimento e adaptação às condições particulares de cada um.

Trata-se de uma proposta em **cinco tempos**, que sugere um procedimento com uma ordem justificada, mas que não necessariamente deve seguir-se tal e qual, pois dependerá de muitos fatores que incidem na multiplicidade de experiências existentes. Esse instrumento deve ser utilizado mais como sugestão e inspiração, mesmo que por razões didáticas se apresente um pouco rígido.

- A) O ponto de partida.**
- B) As perguntas iniciais.**
- C) Recuperação do processo vivido.**
- D) A reflexão de fundo.**
- E) Os pontos de chegada.**

Cada tempo <sup>3</sup> tem alguns momentos ou elementos constitutivos. Vejamos primeiro de forma geral:

---

<sup>3</sup> Cada um dos tempos e momentos tem uma enorme quantidade de variantes em termos de conteúdo, alcances, níveis de profundidade, duração, instrumentos que foram utilizados e situados no conjunto do processo. Vamos precisar as características que consideramos fundamentais de cada um deles.

<b>A) O ponto de partida</b>
a1 Ter participado da experiência. a2 Ter o registro das experiências.
<b>B) As perguntas iniciais</b>
b1. Para que queremos sistematizar? (Definir o objetivo) b2. Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado) b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização).
<b>C) Recuperação do processo vivido</b>
c1. Reconstruir a história. c2. Ordenar e classificar a informação.
<b>D) A reflexão de fundo - Por que aconteceu o que aconteceu?</b>
d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.
<b>E) Os pontos de chegada</b>
e1. Formular conclusões. e2. Comunicar a aprendizagem.

## A) O PONTO DE PARTIDA

Trata-se de **partir da própria prática**.<sup>4</sup> Este é o ponto de partida de todo o processo de sistematização. E isto quer dizer, fundamentalmente, que a sistematização é um "segundo momento"; não se pode sistematizar algo que não foi posto em prática previamente.

Ora, isto nos propõe as características básicas que devemos definir desde o começo: quem sistematiza e de que informação se parte. Vejamos:

---

<sup>4</sup> Quando dizemos "partir da prática" estamos entendendo que temos que partir do que fazemos, sentimos e também, do que pensamos.

**a1. Ter participado da experiência.**

Afirmamos que só podem sistematizar uma experiência *aqueles que tenham tomado parte dela* e que **não é possível que uma**

**pessoa totalmente alheia à experiência pretenda sistematizá-la.**

Isto *não* significa que todos que participem da sistematização de um processo devam *tê-lo vivido diretamente do mesmo modo*. O que não cabe dentro de nossa concepção e proposta, é o(a) sistematizador(a) externo(a), que a instituição ou organização (que "não tem tempo ou possibilidades de sistematizar") contrata para fazer a sistematização *em nome* dela.

Pelo contrário, pode ser importante ter uma ou mais pessoas como **apoio externo** para realizar a sistematização. Este apoio pode ser de muitas maneiras, dependendo das necessidades e possibilidades de quem sistematiza.

**a2. Ter o registro das experiências**

Qualquer experiência que se pense sistematizar é um processo que transcorreu no tempo. Ao longo de seu trajeto aconteceram muitas e diferentes coisas. Que, no momento certo, se tenham planejado os objetivos, metas, atividades, responsabilidades, resultados esperados; que se tenha feito uma projeção do trajeto a percorrer e suas etapas. Certamente, ao longo do processo foram realizadas muitas ações que por sua vez produziram diversos resultados: seminários, visitas a casas, entrevistas, oficinas, cursos, produção de materiais, campanhas; e, paralelamente a elas, a equipe da instituição ou da organização deve ter tido reuniões, assembléias, jornadas, avaliações, etc.

O importante para a sistematização da experiência é contar com o **registro** de tudo isso, que tenha sido feito o mais perto possível do momento no qual ocorreu cada fato. Não é possível fazer uma boa sistematização se não se contar com uma informação clara e precisa do acontecido. Este é um requisito fundamental; diríamos quase indispensável...

Ora, quando falamos de "registros", estamos falando de uma enorme variedade de formas possíveis às quais se pode recolher a informação do que acontece numa experiência:

- Os cadernos de apontamentos pessoais, "diários de campo", documentos que contém propostas, rascunhos, projetos de atividades, informes, atas de reunião, memórias de seminários ou oficinas.
- Não temos que pensar só em registros escritos: há outras formas documentais que são tão ou mais importantes, de acordo com o caso: gravações, fotografias, filme em cinema ou vídeo; gráficos, mapas, quadros sinóticos, desenhos...

Os registros nos permitem ir à fonte dos diferentes momentos que ocorreram ao longo da experiência, com o que será possível reconstruir esse momento **tal**

**como foi.** Em qualquer caso, tratar de fazer com que o *instrumento* seja o menos enrolado e o mais útil possível em relação ao que se queira.

## B) AS PERGUNTAS INICIAIS

Neste "segundo tempo", trata-se de iniciar propriamente a sistematização, tendo como base o ponto de partida indicado nas páginas anteriores, com três recomendações essenciais que nos levarão a orientar todo o processo a partir desse momento:

- b1. A **definição** do objetivo da sistematização,
- b2. A **delimitação** do objeto da sistematizar e
- b3. A **definição** do eixo de sistematização.

Colocamos estes três aspectos nessa ordem, mas a seqüência não tem que ser sempre esta, já que dependendo de muitos fatores, algum pode já estar indicado de antemão, ou pode ser preferível começar por delimitar o objeto ou a definição de um eixo.

O que pensamos ser **indispensável** é que, antes de seguir adiante, se tenha respondido claramente às três perguntas. Vejamos uma por uma:

**b1. Para que queremos sistematizar?**  
(Definir o objetivo dessa sistematização)

Aqui se trata de definir, da maneira mais clara e concreta possível, o **sentido**, a **utilidade**, o **produto** e o **resultado** esperado da sistematização. Isto dependerá do

momento em que esteja a equipe, suas preocupações mais globais, seu ritmo de trabalho, a conjuntura, etc.

**b2. Que experiências queremos sistematizar?**  
(Delimitar o objeto a sistematizar)

Trata-se, aqui, de escolher **a** ou **as experiências concretas** a serem sistematizadas, claramente delimitadas em **tempo e lugar**.

Os critérios para escolhê-las e delimitá-las, podem ser muito variados: depende do objetivo, da consistência das experiências, dos participantes no processo de sistematização, o tipo de contexto em que se deram, etc.

**b3. Quais aspectos centrais dessas experiências nos interessa sistematizar?**  
(Definir um eixo de sistematização)

As experiências são em si tão ricas em elementos, que mesmo tendo um objetivo claramente definido e um objeto perfeitamente delimitado em

lugar e tempo, ainda pode ser necessário *precisar mais o enfoque* da sistematização, para não se dispersar. Esse é o papel do **eixo de sistematização**.

Um eixo de sistematização é como um *fio condutor* que atravessa a experiência e está referido aos *aspectos centrais* dessa(s) experiência(s) que nos interessa sistematizar nesse momento. Um eixo de sistematização é como uma *coluna vertebral* que nos comunica com toda a experiência, mas de um ótica específica.

### C) RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO

Nesse terceiro "tempo" entramos de cheio na sistematização, mas enfatizando os aspectos descritivos acerca da experiência. Por isso, os dois "momentos" que queremos colocar aqui são:

- c1. **Reconstruir** a história.
- c2. **Ordenar** e **classificar** a informação.

O nível de detalhe, os procedimentos que se vão utilizar e o tempo que se lhe dedique, podem ser muito variados, dependendo, sobretudo, da duração ou complexidade da experiência que se está sistematizando (o objeto), ou também do nível de definição com que está planejando o eixo.

**c1. Reconstruir a história**

Trata-se aqui de ter uma visão global dos procedimentos que se sucederam no lapso da experiência, normalmente postos de maneira cronológica. Para isso será quase indispensável consultar os registros, que mencionamos nas páginas anteriores.

Pode ser útil elaborar uma cronologia. Também, fazer um gráfico para que visualmente se possa seguir a seqüência dos fatos. Também pode ser interessante reconstruir a história em forma de conto ou narração.

Em muitas situações, será fundamental incorporar na reconstrução da experiência particular, os acontecimentos do contexto (local, nacional ou internacional) que se associam a ela. Inclusive, mostrou-se a utilidade de fazer uma cronologia paralela: numa coluna os acontecimentos da experiência; em outra os do contexto. Fazê-lo ou não e o nível de detalhe que terá, vai depender da utilidade de cada sistematização.

Quer dizer, a forma e os aspectos que se consideram na reconstrução histórica dependerão do tipo de sistematização que se está realizando. O mais importante é que permita uma visão geral do processo. Se se realiza com cuidado, significará uma experiência muito interessante e sugestiva.

De certo nesse momento surgirá de forma natural uma **primeira periodização**; quer dizer, um primeiro assinalamento das *etapas* que se sucederam ao longo da experiência, marcadas pelo reconhecimento de alguns *acontecimentos significativos*. Isto proporcionará pistas e interrogações para a posterior interpretação crítica da(s) experiência(s).

## c2. Ordenar e classificar a informação

Baseando-se nessa visão geral do processo vivido, trata-se, agora, de avançar até a **localização dos diferentes elementos** desse processo. Aqui é onde a definição do eixo de sistematização nos vai ser de suma utilidade, pois nos dará a pauta de quais componentes levar em conta.

Um instrumento sumamente útil para essa tarefa é um *roteiro de ordenação*: um quadro ou uma lista de perguntas, que permitirá articular a informação sobre a experiência em torno dos aspectos básicos que nos interessam. (Como no momento anterior, os registros serão fundamentais).

***Por exemplo:(Alguns desses elementos)***

- **Objetivos previstos.**
- **Necessidades apontadas pela comunidade.**
- **Enganos e dificuldades.**
- **Ações geradas pelos programas de alfabetização.**
- **Vinculação comunidade - instâncias de governo.**
- **Percepções da comunidade acerca de sua capacidade de ação e de fazer propostas.**
- **Motivações para sua participação.**
- **Principais ações que realizaram.**
- **Conteúdos trabalhados e o porquê.**
- **Opiniões sobre a situação política ou eleitoral.**

Em síntese, o ordenamento e a classificação da informação deve permitir reconstruir, de forma precisa, os diferentes aspectos da experiência, vista já como um processo. Como se vê nos exemplos deve-se levar em conta, de acordo com o eixo de sistematização, tanto as *ações* como os *resultados*, assim como as *intenções* e *opiniões*. Na maioria dos casos, tanto de quem promove a experiência como de quem participa dela.

## D) A REFLEXÃO DE FUNDO - POR QUE ACONTECEU O QUE ACONTECEU?

Chegamos aqui ao "tempo" chave do processo de sistematização: a interpretação crítica do processo vivido. Todos os outros momentos estão em função deste.

Trata-se, agora, de ir mais além que o descritivo, de realizar um processo ordenado de abstração, para encontrar a razão de ser do que aconteceu no processo da experiência. Por isso, a pergunta chave desse "tempo" é: **Porque aconteceu o que aconteceu?**

### d1. Análise, síntese e interpretação crítica do processo.

Para realizar essa reflexão de fundo será necessário penetrar por partes na

experiência, quer dizer, fazer um exercício **analítico**; localizar as **tensões ou contradições** que marcaram o processo; e, com esses elementos, voltar a ver o conjunto do processo, quer dizer, realizar uma **síntese** que permita elaborar uma conceitualização a partir da prática sistematizada.

Este "momento" (com seus componentes de análise, localização de tensões e síntese) tem uma duração indeterminada, dependendo do objeto e do objetivo da sistematização (poderia durar todo um dia, até servir de tema para uma série de sessões ou oficinas ao longo de um ano inteiro).

Um dos principais instrumentos que se podem utilizar aqui é um **roteiro de perguntas críticas** que interroguem o processo da experiência e permitam identificar os fatores essenciais que intervieram durante o processo e explicitar a lógica e o sentido da experiência.

#### ***Por exemplo:***

- **Houve mudanças nos objetivos? Por que?**
- **As necessidades se mantêm iguais? No que mudaram?**
- **Que mudanças ocorreram na relação comunidade e governo? Que tensões e contradições apareceram? A que se devem? Mantêm-se?**
- **Que ações demonstram que se ganhou em autonomia ou em capacidade propositiva?**
- **Que fatores (de nosso trabalho e externo a ele) incidiram em maior autonomia ou capacidade propositiva? Quais incidiram negativamente? Superaram-se?**

## E) OS PONTOS DE CHEGADA

Chegamos, assim, ao último tempo desta proposta metodológica que é uma nova forma de chegar ao ponto de partida, enriquecido com a ordenação, reconstrução e interpretação crítica da(s) experiência(s) sistematizada(s). Ainda que possa parecer que formular conclusões e transmitir a aprendizagem é uma tarefa fácil e que seria quase uma consequência natural do que se realizou anteriormente, não é assim. Tem uma importância enorme dedicar tempo e energia a esta tarefa, porque disso dependerá o real cumprimento dos objetivos de fundo do exercício sistematizador.

### e1. Formular conclusões

Toda a reflexão interpretativa do momento anterior deverá dar como resultado a formulação - a mais clara possível - de conclusões tanto teóricas como práticas. Trata-se de expressar as principais respostas às perguntas formuladas no guia de interpretação crítica. Assim, as conclusões deverão ser dirigidas a dar respostas aos **objetivos** propostos no início da sistematização.

Por isso, as **conclusões teóricas** poderão ser formulações conceituais surgidas diretamente do refletido a partir da experiência. Estas formulações deverão relacionar-se com as formulações teóricas cunhadas pelo saber constituído, estabelecendo um diálogo de mútuo enriquecimento. Também permitirão formular hipóteses que apontem, a partir da experiência, a uma possível generalização de maiores alcances teóricos. As **conclusões práticas** serão, por sua vez, aqueles ensinamentos que se desprendem da(s) experiência(s), que deverão ser levados em consideração para melhorar ou enriquecer as futuras práticas, tanto próprias como alheias.

### e2. Comunicar a aprendizagem

Por último será necessário produzir algum ou alguns materiais que permitam compartilhar com outras pessoas o aprendido. Vale a pena dedicar um tempo importante a isso pois, de outra maneira, a riqueza do processo limitar-se-ia ao grupo participante, o que seria irresponsabilidade, para dizer pouco.

Certamente, uma forma indispensável será a redação de um documento. Sem dúvida, deveríamos considerar que talvez o melhor não seja "narrar como se fez a sistematização", nem, simplesmente, "apresentar as principais conclusões". Haverá que pensar num documento criativo que dê conta da vitalidade da experiência.

Devemos recorrer a toda forma imaginativa ou criativa que torne *comunicável* nossa experiência: teatro, fábula, vídeo, gráficos, pequena história, novela, etc. (Levar em conta *a quem* é dirigido esse material e *para que* ele é produzido e, portanto, não será necessário incluir tudo o que fizemos...)